

Michel Quesnel

Conhecer Deus através de Jesus

Uma iniciação ao Cristianismo



EDITORIAL AO

Título original

Connaître Dieu à travers Jésus

© 2024, Groupe Elidia

Éditions Desclée de Brouwer

10 rue Mercœur – 75011 Paris

9 espace Méditerranée – 66000 Perpignan

www.editionsddb.fr

ISBN: 978-2-220-09826-5

Tradução

Maria do Rosário de Castro Pernas

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

563362/26

ISBN

978-972-39-1042-1

Abril de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

A Françoise, minha primeira leitora

Introdução

Porquê este livro?

Durante a minha já longa existência, tenho constatado que muitas pessoas se interrogam sobre Deus e se interessam pelo Cristianismo, mas desconhecem profundamente os conteúdos desta religião. Muitas vezes gostariam de saber mais, embora ignorem como se poderão documentar. Ler a Bíblia, Antigo e/ou Novo Testamento, é demasiado complicado. Abrir um catecismo para adultos baseado em perguntas e respostas parece árido. Estudar o Credo quando este é apresentado como um resumo condensado da fé cristã é arquiteórico e excessivamente abstrato. Em suma, essas pessoas encontram-se com frequência num impasse do qual não conseguem sair.

Apesar disso, as interrogações permanecem: quem é Deus? Como se pode viver cristãmente? Existe uma vida depois da morte?

A minha convicção – e a de numerosos cristãos de hoje – é que a fé não é, essencialmente, um catálogo de verdades às quais aderir, mas uma relação, uma ligação,

um vínculo com um ser ao qual chamamos Deus, mas a quem seríamos incapazes de atribuir um rosto ou um nome adequado. A originalidade do Cristianismo, em comparação com outras religiões, é que o Deus dos cristãos, num determinado momento da história humana, assumiu um rosto. Viveu de forma original e pronunciou palavras fortes. Isso teve lugar na pessoa de Jesus de Nazaré, um judeu também chamado Jesus Cristo.

«Jesus» era o seu nome; na época, não havia nomes de família; neste caso, trata-se de um nome hebraico bastante comum entre os judeus da Antiguidade; significa «Deus salva». «Nazaré» é, atualmente, uma cidade situada na parte norte do Estado de Israel, com cerca de setenta e cinco mil habitantes; na época de Jesus era uma pequena aldeia com poucas centenas de habitantes, onde Ele foi criado; era um povoado tão insignificante que o Antigo Testamento nem sequer o menciona.

A palavra «Cristo» é muito mais complicada. Sendo um termo derivado do grego, significa que quem usa esse título foi ungido com óleo. Existe um sinónimo inspirado no hebraico, a língua dos judeus da Antiguidade que viria a tornar-se a língua nacional do Estado moderno de Israel: «Messias». O «Cristo» ou o «Messias» é um rei cuja vinda já era esperada no primeiro século da nossa era, esperando-se também que ele libertasse os judeus dos romanos que ocupavam o seu país havia várias décadas. Na época, muitíssimo remota, em que os judeus tinham sido governados por reis, estes recebiam uma unção, por

isso se chamava «Cristo» ao rei esperado. Foi sobre a palavra «Cristo» que se forjou o termo «cristão»: um cristão é alguém que atribui uma grande importância e uma confiança sem reservas à pessoa de Cristo.

Jesus de Nazaré viveu, portanto, no século I da nossa era. Existem quatro biografias deste personagem, escritas algumas décadas depois da morte; são os chamados «Evangelhos». Mais uma palavra que o leitor talvez desconheça! «Evangelho» é um termo formado a partir do grego, que significa «boa notícia». Com efeito, segundo os autores dessas biografias, a presença de Jesus de Nazaré sobre a terra tinha sido um momento muito privilegiado da história humana e valia a pena contar a sua vida para que toda a gente pudesse aproveitar essa boa notícia: não necessariamente a sua vida inteira, mas pelo menos aquilo que Ele tinha dito e feito durante cerca de três anos, os três anos durante os quais tinha exercido uma atividade de pregador no território judaico da época, cujas fronteiras correspondem praticamente às do Estado de Israel atual, mais os territórios palestinos ocupados.

Os Evangelhos relatam numerosos encontros que Jesus de Nazaré teve com os seus contemporâneos. Embora a fé não seja, em primeiro lugar, um catálogo de verdades às quais aderir – como escrevi acima –, mas uma relação com aquele a quem chamamos Deus, parece-me que conhecer os textos que narram esses encontros poderá ajudar-nos grandemente a enriquecer a nossa fé e a apreciar os seus conteúdos. É esse o projeto deste livro: ler e comentar os

relatos e vários encontros que Jesus teve com diversas pessoas, tal como narrados nos Evangelhos. Isso permitirá ao leitor descobrir aspetos importantes do Deus dos cristãos.

Algumas explicitações históricas

Não se sabe ao certo quando nasceu Jesus: desconhece-se o ano respetivo e a data precisa. Quanto a esta, atualmente, no mundo ocidental, festeja-se o seu nascimento a 25 de dezembro, quase coincidindo com o solstício de inverno. É uma data simbólica. Consideravam os antigos que, como o sol recomeçava a subir no céu a partir dessa data, era invencível. Como Jesus tinha ressuscitado depois da morte, era igualmente invencível. Escolheu-se, portanto, a data dessa festa pagã para celebrar o nascimento de Jesus.

Quanto ao ano do seu nascimento, também se desconhece. Na Antiguidade, só as pessoas de sangue real, relativamente às quais se mantinham arquivos, sabiam quando tinham nascido. Os dois Evangelhos que relatam o nascimento de Jesus, o Evangelho segundo Mateus e o Evangelho segundo Lucas, são unânimes sobre um aspeto: Jesus nasceu vários meses antes da morte do rei Herodes, o Grande, que morreu no ano 4 antes da nossa era. Os países que decidiram fazer a contagem dos anos a partir do nascimento de Jesus basearam-se nos trabalhos de um monge do século VI chamado Dionísio, o Exíguo,

que se enganou nos cálculos. O resultado é que Jesus de Nazaré «nasceu antes de Jesus Cristo», o que não deixa de ter a sua graça! Calcula-se, de um modo geral, que Ele terá nascido entre 5 e 6 a.C.

Por outro lado, conhece-se muito melhor a data da sua morte. Foi crucificado por ordem do governador romano Pôncio Pilatos, que governou a província da Judeia (região sul do território judaico) de 26 a 36 da nossa era. Os cálculos dos historiadores permitem precisar que Jesus morreu na sexta-feira, 7 de abril do ano 30. A acreditar nos Evangelhos, o seu cadáver já não estava no túmulo onde o tinham sepultado na manhã do domingo seguinte, 9 de abril.

Quanto à data de redação dos Evangelhos, temos apenas aproximações que resultam de cálculos dos biblistas, mas conseguimos chegar a um bom grau de verossimilhança. O Evangelho mais antigo é o de Marcos. Marcos é o nome latino de um rapaz de Jerusalém que acompanhou o apóstolo Pedro nas suas pregações. Redigiu, sem dúvida, a sua obra em Roma, pouco antes ou pouco depois do ano 70, data em que os romanos destruíram a cidade de Jerusalém e o templo magnífico que a dominava. Recordo que Jerusalém é, há três milénios, a capital do território judaico. A cidade ergue-se sobre um planalto calcário situado a setecentos e sessenta metros de altitude. Os historiadores calculam que, em meados do século I da nossa era, a sua população rondava os quarenta mil habitantes.

O Evangelho segundo Mateus é um pouco mais recente do que o de Marcos. Tal como o de Marcos, foi redigido em grego, bem como todos os escritos do Novo Testamento. O próprio Mateus fazia parte de um grupo de doze discípulos escolhidos por Jesus para o acompanharem. Descobriremos a forma como Jesus o chamou a segui-lo num dos encontros que se seguem (cf. p. 49). Tal como chegou até nós, este Evangelho é uma obra que mais tarde seria completada por outros redatores. De um modo geral, calcula-se que o próprio Mateus terá composto o núcleo inicial numa língua semita, em hebraico ou aramaico; vários testemunhos de autores cristãos do século II orientam-se nesse sentido. O seu estado definitivo costuma ser datado do início dos anos oitenta da nossa era. Como, entre os quatro Evangelhos, foi o mais utilizado pelas comunidades cristãs primitivas, colocaram-no em primeiro lugar na coletânea dos mesmos. Quando abrimos o Novo Testamento, é o primeiro livro com que nos deparamos.

Lucas, o autor do terceiro Evangelho e dos Atos dos Apóstolos, outro escrito do Novo Testamento, não era judeu. Quis compor uma história completa dos primórdios do Cristianismo até à chegada a Roma do apóstolo Paulo (mais conhecido como São Paulo), um dos grandes pregadores da Boa Notícia nas cidades da bacia mediterrânica. Paulo não conheceu Jesus, mas beneficiou de uma revelação que o persuadiu de que Ele tinha ressuscitado dos mortos e proclamou essa mensagem na orla do Mediter-

râneo oriental; várias das suas cartas fazem parte do Novo Testamento. Foi certamente através de São Paulo que Lucas conheceu Jesus e se tornou cristão. A obra de Lucas divide-se em duas partes: o Evangelho segundo Lucas, que cobre um período desde o anúncio do nascimento de Jesus até ao ano 30; e os Atos dos Apóstolos, que cobrem o período seguinte, até cerca do ano 60. Ao conjunto da obra de Lucas, Evangelho e Atos dos Apóstolos, costuma ser atribuída a data de 85, aproximadamente.

O quarto Evangelho é o de João. A questão da identidade do seu autor é debatida entre os historiadores. Durante muito tempo, pensavam estes que se tratava de João, filho de Zebedeu, um dos membros do grupo dos doze discípulos mais próximos de Jesus. Outros estudos mais recentes, porém, calculam que se trate antes de outro discípulo com o mesmo nome, que não pertencia ao grupo dos Doze. Seria um habitante de Jerusalém, familiar dos sacerdotes que serviam no templo, em casa do qual Jesus e alguns dos seus discípulos teriam sido várias vezes hospedados. O seu Evangelho é mais tardio do que os outros. Terá sido redigido por volta dos anos 90-95.

Como todos os livros bíblicos, os Evangelhos estão divididos em capítulos e versículos. Um capítulo é uma secção de várias páginas: há vinte e oito capítulos em Mateus, dezasseis em Marcos, vinte e quatro em Lucas e vinte e um em João. Para indicar uma passagem de forma mais precisa, os capítulos foram divididos em versículos, ou seja, em passagens de poucas frases, por vezes

de apenas uma. Os números dados aos capítulos e aos versículos são os mesmos em todas as Bíblias, qualquer que seja a sua língua e quaisquer que sejam as comunidades que as publicam.

Quando um versículo abarca várias frases, pode acontecer que se cite apenas metade do mesmo: nesse caso, designa-se pela letra «a» a primeira metade e pela letra «b» a segunda metade.

Eu próprio traduzi do grego os textos do Novo Testamento que cito, tentando respeitar o mais possível o génio da língua original.

Descobrir Jesus em duas etapas

O Evangelho segundo Marcos, o mais curto e antigo dos quatro, mostra que a descoberta da identidade de Jesus pelas pessoas que se iam encontrando com Ele se desenrolou em várias etapas. O primeiro versículo do Evangelho de Marcos apresenta, com efeito, o texto seguinte:

1 ¹Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.
(*Marcos*, capítulo 1, versículo 1)

Aqui, a palavra «Evangelho» não designa a obra escrita cujo início é assinalado pelo versículo acima, mas a Boa Notícia que o autor quer anunciar aos seus leitores: descobrir-se-á, em primeiro lugar, que Jesus é o Cristo e, em

seguida, que Ele é Filho de Deus. A primeira etapa desta descoberta termina no fim da primeira metade da obra, na passagem que se segue:

8 ²⁷Saiu Jesus com os seus discípulos pelas aldeias de Cesareia de Filipe. Pelo caminho, interrogou os discípulos: «Quem dizem os homens que Eu sou?».

²⁸Eles responderam-lhe: «Uns, que és João Batista, outros, que és Elias, e outros que és algum dos profetas».

²⁹Então perguntou-lhes: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Pedro respondeu: «Tu és o Cristo?».

³⁰Então Jesus ordenou-lhes severamente que não o revelassem a ninguém.

³¹E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem padecesse muito, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e se levantasse, passados três dias.

(Marcos, capítulo 8, versículos 27 a 31)

Seguem-se algumas explicações que ajudarão a compreender esta passagem. Cesareia de Filipe é uma cidade situada a nordeste do lago de Tiberíades, um dos lagos interiores mais vastos do território judaico. Servia até de fronteira entre o país dos judeus, a oeste, e um território ocupado por pagãos, a leste. Quando tiveram lugar os acontecimentos aqui relatados, Jesus já tinha pregado durante vários meses, talvez até durante um ou dois anos, rodeado de discípulos. Estes últimos tinham assistido a

curas de doentes, ao convite dirigido por Jesus às populações judias a voltarem-se para Deus e a cuidarem, com solicitude, das pessoas em dificuldade. O Mestre sente necessidade de saber que efeitos tinha produzido a sua missão sobre aqueles que o seguiam mais de perto; por isso interroga os seus discípulos sobre aquilo que se diz acerca d'Ele. As respostas são variadas. Algumas pessoas julgam que Ele é o profeta João Batista; no entanto, isso implicaria que ele tivesse ressuscitado, pois João Batista fora condenado à morte por um filho de Herodes, o Grande, que governava um reino vassalo de Roma, a Galileia, situada no norte do território judaico. Outras julgam que se trata do profeta Elias, igualmente ressuscitado, pois Elias tinha vivido no século IX antes da nossa era. Depois desta sondagem, Jesus interroga os próprios discípulos e é Pedro que responde: «Tu és o Cristo». Pedro compreendeu que, embora Jesus não levasse de modo algum uma vida digna de um rei, era o Messias, o rei judeu esperado pelo povo de Israel para libertar o país da ocupação romana.

Jesus não rejeita esta denominação, mas corrige-a de imediato. Começa por pedir que os discípulos não mencionem a ninguém a descoberta de Pedro, pois as populações imaginariam que Jesus ia pegar em armas para expulsar o ocupante romano, o que Ele não pretendia fazer de maneira nenhuma. Em seguida anuncia que a sua missão, em vez de terminar numa vitória militar, terminará num fracasso: condená-lo-ão à morte. Nesse anúncio, Jesus fala de si mesmo na terceira pessoa, como «o Filho

do Homem», expressão judaica que evoca um homem amado por Deus, com um destino grandioso. Contudo, depois da sua morte, «levantar-se-á». Este verbo faz alusão à ressurreição de Jesus, que os discípulos descobrirão na manhã de domingo após a sua crucifixão. Todavia, a passagem por uma morte atroz é inevitável, constituindo inevitavelmente uma desilusão para os discípulos que tinham acreditado n'Ele.

Este fim trágico será a segunda etapa da descoberta da personalidade de Jesus. Depois de Pedro o ter reconhecido como o Messias de Israel, Ele viverá outros encontros que estudaremos na segunda parte deste livro. Tais encontros desencadearão a hostilidade das autoridades judaicas da época, que o entregarão a Pôncio Pilatos, e morrerá asfxiado como consequência do suplício sofrido pelos rebeldes à autoridade romana: suspenso pelos braços de uma trave horizontal fixa no topo de uma estaca cravada na terra. Era assim, numa cruz de madeira, que os romanos executavam os malfeitores e os inimigos do Império.

Perante a mesma, um centurião romano, ou seja, um oficial responsável por uma unidade de cem homens, pronunciará a segunda fórmula que define a identidade de Jesus:

15 ³⁹O centurião, que estava em frente d'Ele, vendo que Jesus expirara dando este brado, disse: «Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus».

(*Marcos*, capítulo 15, versículo 39)

Filho de Deus: é um título mais universal do que Messias ou Cristo e implica uma proximidade muito maior com Deus. Contudo, não sei se o leitor se apercebe daquilo que esta afirmação do centurião contém de revolucionário. Assim, é convidado pelo evangelista a colocar-se no lugar do centurião e a descobrir que um Filho de Deus é alguém que agoniza com sofrimentos atrozes sobre um instrumento de suplício, acabando por morrer. Por conseguinte, o Deus dos cristãos tem alguma coisa que ver com a agonia e com a morte. Embora se costume imaginar espontaneamente Deus como um ser todo-poderoso, Ele é extremamente débil e sofredor e aceita desaparecer.

Isso levará o apóstolo Paulo a escrever aos cristãos da cidade de Corinto, na Grécia: «Julguei que não devia saber coisa alguma entre vós senão Jesus Cristo, e este, crucificado» (*1.ª Epístola aos Coríntios*, capítulo 2, versículo 2).

Há algo essencial na fé cristã, que se revelará no percurso que vamos empreender ao longo dos quatro Evangelhos. Jesus mostra o rosto e pronuncia as palavras de um Deus que não se impõe, para que aquelas e aqueles que acreditam n'Ele sejam fundamentalmente livres.

Retomemos o Evangelho segundo Marcos, que está quase a chegar ao fim. Os seus últimos versículos descrevem como o cadáver de Jesus foi depositado num túmulo e como, no domingo seguinte, de manhã, algumas mulheres que tinham ido ver o túmulo o encontraram aberto: o corpo de Jesus já não estava lá dentro.

Introdução

Este itinerário em duas etapas parece-me ser o melhor para revelar a riqueza da personalidade de Jesus e, a partir daí, em que consiste a fé cristã, aquela relação privilegiada que os cristãos podem ter com Deus.

Índice

<i>Introdução</i>	7
Porquê este livro?	7
Algumas explicitações históricas	10
Descobrir Jesus em duas etapas	14
<i>Primeiros encontros – Deus chama-nos à liberdade</i>	21
Vocação dos primeiros discípulos	21
Missão dos Doze	29
<i>Segundos encontros – Deus comunica quando se lhe reza</i>	37
Jesus isola-se para rezar	37
«Tu, quando orares»	42
<i>Terceiros encontros – Deus começa por ter misericórdia</i>	49
Comer com publicanos	49
A mulher adúltera	57
<i>Quartos encontros – Deus convida-se para a casa das pessoas mais diversas</i>	63
Marta e Maria	63
A Samaritana	68

<i>Quintos encontros – Deus cede às súplicas legítimas</i>	
dos seres humanos	79
A Cananeia	80
O centurião e o seu escravo	85
<i>Sextos encontros – Deus nunca fecha a porta</i>	91
Bartimeu	91
Zaqueu	96
<i>Sétimos encontros – Deus exerce uma autoridade</i>	
de serviço	103
O lava-pés	103
Pedido de Tiago e João	110
<i>Oitavos encontros – Deus receber-nos-á no seu Reino</i>	117
O bom ladrão	117
O escriba de Jerusalém	124
<i>Conclusão</i>	131
Jesus está ressuscitado	132
Deus ama os pequenos e os pobres	140
O Espírito Santo ajuda-nos a amar os nossos irmãos	145
<i>Mapa do território judaico no século I da nossa era</i>	154
<i>Explicação dos nomes próprios e dos termos técnicos</i>	155
<i>Índice</i>	157